

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Coneio do Estado (Campo Verde) Class.: 260

Data: 29.11.83 Pg.: _____

Encurralados assassinos do indígena

Caso ganha projeção nacional e a Polícia toda se mobiliza na caça aos autores

Os dois elementos responsabilizados até agora pela autoria do assassinato do índio Marçal de Souza, um líder bastante conhecido e querido por seu povo, estão cercados pela Polícia, há quilômetros do local do crime. Uma equipe reforçada da Polícia Civil está em diligência na região, enquanto agentes da Polícia Federal fazem os levantamentos oficiais sobre o caso na aldeia Campestre, localizada a 15 quilômetros do município de Antônio João, onde João Bugre e outro elemento não identificado, fuzilaram o indígena.

A Delegacia de Polícia Federal, em Ponta Porã, responsável pela jurisdição que abrange o município de Antônio João, tomou conhecimento do caso ontem pela manhã e até o final da tarde as informações continuavam truncadas, incertas a respeito do crime. "Qualquer notícia é arriscada, imprecisa", disse o delegado Coelho Neto, confirmado por um relatório conjunto no caso com a Polícia Civil que efetuou os primeiros levantamentos.

Ontem a tarde três representantes da Funai (dois inspetores e um advogado) estiveram na Delegacia de Polícia Federal de Ponta Porã, solicitando medidas enérgicas no caso. Imediatamente, segundo o delegado Coelho Neto, uma equipe foi deslocada para a aldeia Campestre, com a finalidade de ouvir testemunhas e investigar os indícios que possam levar ao paradeiro dos criminosos.

Faltam dados ainda, mas o delegado confirmou a instauração de um inquérito para apurar os fatos ontem. Faltava, até o meio da tarde, apenas maiores informações concretas e a confirmação da Polícia Civil se já havia instaurado ou não.

Confirmado o cerco

Apesar das primeiras informações darem conta de que os criminosos do indígena Marçal de Souza estariam refugiados no Paraguai, uma equipe da Polícia Civil, com ajuda dos índios da aldeia Campestre, conseguiu apurar que os dois estariam foragidos há poucos quilômetros da área do crime. Reforçados, os agentes deslocaram-se para a região, cuja localização não foi informada para resguardar eficácia na operação. No começo da noite, a Polícia já tinha condições de confirmar esta informação, ou seja, o cerco está fechado sobre os dois assassinos e a qualquer momento podem ser presos.

A Casa Civil do Governo do Estado, ao confirmar que o autor dos

disparos é realmente João Bugre, um índio também, acrescentou que ele foi contratado pela esposa da vítima, segundo informações prestadas pelo capitão da aldeia, de nome Alziro. Ela - continua ele - reside em Dourados e contratou serviços de João Bugre para matar seu esposo, porque este vivia amasiado com Acelina de tal. Além disso, a Casa Civil confirma o cerco dos policiais, esclarecendo ser uma equipe reforçada de civis e militares e, ainda, que a captura pode ocorrer a qualquer momento.

REPERCUSSÃO DO CRIME

É grande a repercussão do assassinato do indígena Marçal de Souza. Na Assembléia Legislativa da Capital, o deputado Djalma Barros enviou telex ao governador do Estado, Wilson Barbosa Martins e ao secretário de Segurança Pública, Aleixo Paraguassú Netto, solicitando a adoção de medidas que levam a completa apuração do homicídio e punição dos culpados. Além disso repudia a violência em nome da população.

No cenário nacional, é grande o interesse da imprensa escrita e televisada, principalmente, considerando-se a projeção que tinha a vítima. Os telefonemas para a Divisão do Departamento de Polícia Federal foram inúmeros e, da mesma forma, para a Delegacia da Funai. Há uma grande movimentação não só das autoridades policiais, da Funai, como também de indígenas e representantes de entidades que conhecem o trabalho do indígena fuzilado.

AJUDA PARAGUAIA

Até mesmo ajuda da Polícia paraguaia já foi solicitada. É que, preliminarmente, informou-se que os assassinos teriam refúgio naquele país. O delegado Coelho Neto, da Delegacia de Polícia Federal de Ponta Porã, entrou em contato com o cônsul do Paraguai naquele município, ontem, solicitando facilitação dos contatos com as autoridades policiais paraguaias para apoio as diligências de busca e captura e também de investigação naquele país.

Ontem a tarde mesmo, o delegado oficializou este pedido, inclusive solicitando permissão para adentrar ao Paraguai e promover as investigações. Conforme o resultado da batida geral da Polícia Civil ontem, no final da tarde, eles pensam em entrar no Paraguai hoje ou amanhã. Todas as informações estão sendo checadas, disse o delegado.

Funai: assassinato foi premeditado

O delegado regional da Funai, Amaury Motta de Azevedo divulgou ontem mais algumas informações sobre a morte de Marçal de Souza, o líder indígena assassinado na Aldeia Campestre, próxima ao município de Antônio João. Segundo ele, na última sexta-feira, por volta das 20 horas, estiveram na aldeia dois indivíduos suspeitos de terem matado o indígena, um era o paraguaio conhecido por João Bugre ou João Chamamé, que estava acompanhado por um outro branco, que não foi identificado.

Segundo Amaury, e conforme o relatório apresentado pelo chefe do posto indígena de Amambai, Vandelino Bravim, os dois homens foram até a enfermaria da Aldeia Campestre e procuraram por Marçal, solicitando-lhe um remédio e "com muita gentileza o líder indígena atendeu prontamente, afirmando não possuir no momento aquele medicamento, mas que poderia providenciar". Em seguida, conforme testemunhas presentes no local afirmaram, o João Bugre disparou cinco tiros em Marçal, que morreu no local.

Para o delegado da Funai, a desculpa do remédio foi apenas uma estratégia para identificar quem era o Marçal, sendo que, segundo ele, "apesar de ser muito cedo para deduções, todos os indícios deste crime sugerem uma certa premeditação, já que, segundo informações de várias pessoas o líder indígena não tinha nenhum problema pessoal com o assassino, nem tão pouco o conhecia.

Enquanto isso, conforme informou Amaury Azevedo, uma equipe está investigando o caso na área. Esta equipe é composta de dois agentes da Polícia Federal de Ponta Porã; o técnico indígenista Lúcio Flávio; o chefe do Posto Indígena de Amambai, Vandelino Bravim e o advogado da Funai, Edmundo

Cordeiro. Eles estão desde ontem na área, onde tomarão todas as providências para que o assassino seja preso e que a situação fique controlada.

"Independente disso, a polícia de Ponta Porã continua a procura do assassino, que segundo informações teria seguido para o Paraguai", disse o delegado. Na Aldeia Campestre o clima é de muita tensão entre os indígenas por causa do bárbaro assassinato, já que, além de ser muito querido por todos, Marçal era ainda um representante deles muito conhecido em todo Brasil.

"Ele sempre esteve presente em todas as questões nos quais os índios estão envolvidos; sendo uma espécie de porta-voz, tendo inclusive representado os indígenas durante uma reunião na Organização das Nações Unidas e também, quando o papa João Paulo II esteve no Brasil, foi ele quem em nome de todos os indígenas, entregou ao líder na Igreja Católica uma carta contendo várias reivindicações. Além disso, era um antigo e bem relacionado funcionário da Funai", disse ainda o delegado regional da Fundação Nacional do Índio.

Outro fato apontado por Amaury Azevedo, é que Marçal estava na Aldeia há apenas dois dias, sendo que, havia estado de férias no período de 23 de outubro a 23 de novembro, período no qual esteve em Dourados junto aos seus familiares.

"Por enquanto teremos que manter sigilo de algumas informações sobre o crime, para que, além de assegurar a vida de algumas testemunhas oculares possa ser mais fácil capturar o assassino, sendo que depois, todas as informações serão divulgadas", afirmou Motta Azevedo.

Índio ferido a bala após uma discussão

Dourados do correspondente

O índio Caiuá Natalício Benitez foi ferido com dois tiros no sábado último, depois de ter jogado bola e invadido, junto com outros indígenas a lavoura de soja do produtor Gentil Orestes Casarin, situada vizinha à reserva de Dourados. O autor do disparo é Osvaldo Cabral, que irritado com a presença dos índios no local, baleou a vítima na cabeça e braço; mas os projéteis não acertaram pontos mortais, conforme informações da Polícia Federal, que instaurou inquérito no mesmo dia para apurar o incidente.

A Polícia informou, também, que Natalício e outros amigos estavam depredando a lavoura de Casarin. "Primeiro fizeram pelada (partida de futebol) no meio da lavoura, e, mais tarde, retornaram e começaram a estragar deliberadamente a plantação, alegando estarem revoltados com os protestos de Osvaldo Cabral", o qual ficou mais irritado com esta atitude dos índios.

Em decorrência, houve exaltada discussão, com ameaças por parte de Cabral, que ao ver o indígena Natalício armado com um "machete" não hesitou em sacar sua arma e lhe desferir dois tiros, espantando os demais. Ferido na cabeça e no braço; o índio foi internado no hospital Evangélico de Dourados, enquanto Osvaldo fugiu mas, apresentou-se ontem, à Polícia.